



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

PALAVRAS GERMINANTES - ENTREVISTA COM NEGO BISPO

GERMINATING WORDS - INTERVIEW WITH NEGO BISPO

Dandara Rodrigues Dorneles

Mestra e doutoranda em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS) e Grupo de Estudos Afro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Africanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GeAfro/NEAB/UFRGS). Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: dandararodrigues.d@gmail.com

Resumo: Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nego Bispo, vive na Comunidade Quilombola Saco-Curtume, no município de São João do Piauí/PI – Brasil. É poeta, escritor, relator de saberes, lavrador de palavras e liderança quilombola. Também é autor dos livros *Quilombos, Modos e Significados* (2007) e *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015). Nesta entrevista, Nego Bispo fala sobre os seus pensamentos acerca das diferenças entre as “palavras germinantes” e os “conceitos”, conversando a respeito de afro-confluência, encruzilhada, inspiração e educação, contracolonização e decolonialidade. Para o Mestre, as palavras germinantes, tais como confluência e afro-confluente, são vivas, possuem trajetórias e possibilitam reedição. Geram escritas orgânicas, sementes e frutos que alimentam mentes e sentidos. Diferente, por exemplo, das palavras estacionárias, compostas por uma letra sintética, sem força e desconectada. Além disso, a encruzilhada, para Bispo, é um espaço germinante, e não um conceito acadêmico da escrita sintética. Ler e escutar o Mestre Nego Bispo com suas inspirações ancestrais quilombolas é um convite a semear e a germinar modos de vida confluenciados para o presente e para o futuro.

Palavras-chave: Palavras germinantes. Confluência e transfluência. Contracolonização. Saberes orgânicos e sintéticos. Afro-confluente.

Abstract: Antônio Bispo dos Santos, also known as Nego Bispo, lives at the Quilombola Community Saco-Curtume, in the city of São João do Piauí/PI – Brazil. He’s a poet, writer, teller of knowledge, farmer and quilombola leader, as well as the author of the books *Quilombos, Modos e Significados [coloca aqui a tradução]* (2007), and *Colonização, quilombos: modos e significações [coloca aqui a tradução]* (2015). In this interview, Nego Bispo speaks about his thoughts on the differences between ‘germinating words’ and ‘concepts’, discussing afro-confluence, crossroads, inspiration, and education, anticolonialism and decoloniality. For the Master, germinating words, such as confluence and afro-confluence, are alive, have trajectories and allow revision. They generate organic writings, seeds and fruits that feed minds and senses. Different, for example, from stationary words, composed by a synthetic letter, without force and disconnected. Furthermore, the crossroads, for Bispo, is a germinating space, and not an academic concept of synthetic writing. Reading and listening to the Master Nego Bispo with his quilombola ancestral inspirations is an invitation to sow and germinate ways of life converging towards the present and the future.

Keywords: Germinating words. Confluence and transfluence. Countercolonization. Organic and synthetic knowledge. Afro-confluent.

Entrevista

Dandara: Tenho o imenso prazer, em nome do Grupo de Estudos Afro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

(GeAfro/NEAB/UFRGS), em conversar com o Mestre Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nego Bispo. Nascido em 1959 no vale do Rio Berlingas, vive na Comunidade Quilombola Saco-Curtume, no município de São João do Piauí/PI, Brasil. Nego Bispo é poeta, escritor, relator de saberes, lavrador de palavras e liderança quilombola, assim como é autor dos livros *Quilombos, Modos e Significados*¹, e *Colonização, quilombos: modos e significações*². Em seus livros, e também em suas falas, discute, dentre outros temas, sobre contracolônização, confluência e transfluência, biointeração, saberes orgânicos e sintéticos, bem como cosmofobia. Viva, Nego Bispo!

Nego Bispo: Olá! Viva viva! Viva, porque todas as vidas importam!



Mestre Nego Bispo³.

Dandara: Para começar esta entrevista⁴, que eu chamo de uma boa conversa, gostaria de ouvir inicialmente sobre os ‘saberes orgânicos e sintéticos’ que são abordados em seus livros⁵ e que tem nos possibilitado pensar várias questões ambientais, históricas e políticas. Como o senhor chegou a estas denominações? Hoje, depois de 6 anos da publicação do seu

¹ SANTOS, Antônio Bispo dos. *Quilombos: Modos e Significados*. Teresina: Editora COMEPI, 2007.

² SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

³ PORTAL V1. *2ª Feira Literária foi realizada em Francinópolis*. Valença do Piauí, 8 dez. 2019. Disponível em: <https://portalv1.com.br/2a-feira-literaria-foi-realizada-em-francinopolis-confira-as-fotos/>. Acesso em: 24 maio 2021.

⁴ Esta entrevista foi realizada em 05 de fevereiro de 2021, por videoconferência. Contou com o apoio de Cauê Fraga Machado, Emili Almeida, Erico Tavares de Carvalho Junior, Janine Maria Cunha / Nina Opa Fola, José Carlos Gomes dos Anjos, Leonardo Almeida, Luiza Dias Flores e Marco Antônio Sareta Pogli. Do mesmo modo, contou com a revisão de Joalango Assessoria Acadêmica.

⁵ SANTOS, 2007; SANTOS, 2015.

último livro, o que o senhor vem pensando sobre as diferenças entre os saberes orgânicos e sintéticos?

Nego Bispo: Eu fui adestrador de animais por 10 anos, fui inspirado por minha geração avó em como se adestra animais, e treinar é também um adestramento. Percebi que no adestramento uma das primeiras coisas que se faz é nominar, é colocar nome. Fui percebendo que quem coloca o nome manda, e que nominar é um jeito de colonizar. Daí eu fui vendo que os colonialistas gostam de colocar nome em tudo, inclusive nos saberes. Eles chamam os saberes deles de “ciência”, chamam os operadores dos saberes deles de “cientistas”, e chamam os nossos saberes de “saber popular” e “saber empírico”. Enfim, eles colocam várias denominações vazias nos nossos saberes.

A partir dessa escrita no primeiro livro *Quilombo, modos e significados*, consegui pensar em como a gente pode intensificar mais as nossas defesas diante do sistema colonialista. E daí quando eu consegui reeditar o livro, no *Colonização, quilombos, modos e significações*⁶, nós colocamos um capítulo chamado *Guerra das denominações*. Nesse capítulo é que eu fui me inspirando para não denominar apenas lugares, mas denominar modos, comportamentos, denominar hábitos. E aí, o que fizemos? Já que os colonialistas chamam os nossos saberes de empíricos e popular, e chamam os saberes deles de saberes científicos, resolvemos também contrariar. Resolvemos chamar os saberes deles de “saberes sintéticos”, e os nossos saberes de “saberes orgânicos”. Mas não é só por chamar, tem toda uma análise, tem todo um aprofundamento.

Os saberes orgânicos na verdade são saberes cosmológicos. São os saberes que nos envolvem a partir do *ser*. Mas como nós chegamos a estas denominações de “saberes orgânicos” e “sintéticos”? Primeiro, pensando nos povos africanos. Os povos africanos que foram trazidos de forma forçada de África para cá, sem puderem falar suas línguas. Eles até sabiam falar, mas não tinham com quem falar, por conta da separação das famílias, por conta do afastamento das pessoas que falavam a mesma língua. Então é um povo trazido com vários bloqueios sobre as suas línguas, as suas sementes, os seus saberes, os seus modos. E aí este povo chega em uma terra onde tem outro povo que eles nunca tinham visto e de repente eles conseguem se comunicar, e se comunicam muito bem. Conseguem se entender e de forma harmoniosa. Ou seja, não existe mesmo na história colonialista relatos de ataques e, digamos assim, de extinção massiva entre os povos africanos e dos povos originários dessa terra. Por que não houve isso?

⁶ Para a aquisição da versão física deste livro, o contato pode ser realizado através do e-mail bispoquilombo@gmail.com ou em suas páginas nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*.

Porque houve uma comunicação para a vida. Uma comunicação da vida para a vida. É isso o que nós chamamos de saberes orgânicos.

Então, quando dizemos que os nossos saberes são orgânicos, é porque são saberes voltados para o *ser*, voltados para a vida. São saberes resolutivos. E quando nós estamos dizendo que os saberes dos eurocristãos colonialistas são saberes sintéticos, é porque são saberes de fato voltados para o *ter*. São saberes extraídos da vida, extraídos do *ser* para beneficiar o *ter*. Ou seja, a sociedade eurocristã monoteísta é de sintetizar tudo o que é orgânico para transformar em sintético. Esse é o saber deles. Então o saber que produz sintético é o saber sintético, e o saber que produz orgânico é um saber orgânico. Tem umas pessoas que dizem que os saberes deles são ciência e os nossos são ciência também. Eu digo: Não! O meu não é ciência não, o meu é saber orgânico, é sabedoria, e o deles é sintético. Então é isso, a gente precisa praticar os nossos nomes.

Dandara: Pensando nesta comunicação harmoniosa para a vida que os povos africanos e indígenas têm e tiveram, eu tenho aprendido com o senhor que a confluência é uma das mais belas e importantes relações com a diversidade. Que a confluência é uma possibilidade em curso de harmonia entre todas as vidas. Quando o senhor pensa na confluência, qual é a imagem, o fenômeno, o processo que lhe vem? Em qual momento de sua vivência lhe ocorreu a confluência e a transfluência? Como o senhor chegou a esses pensamentos?

Nego Bispo: Eu penso muito a partir das imagens, e uma das imagens com a qual eu mais me movimento é com as águas. Eu penso muito com as águas e nas águas. Então a confluência e a transfluência são muito mais visíveis através das águas.

Como compreendemos a transfluência? Nós compreendemos a transfluência pelas forças das águas em superar os obstáculos. Ninguém consegue parar as águas. Mas a coisa mais bela que nos mostra a transfluência é como as águas de um rio aqui neste lugar que chamaram de Brasil, se misturam com as águas de um rio na África, se tem um oceano de águas salgadas no meio. Ou seja, através da evaporação as águas transfluem nos oceanos, ou através do subsolo, por baixo dos próprios oceanos.

Então a água tem essa grandeza de transfluir através dos vapores, transfluir através da infiltração ou transfluir rompendo paredes. Ou seja, a força das águas é uma força que está em tudo, e assim está em todas as vidas, porque a água está em todos os lugares. Nas árvores, animais, pedras. Então as águas estão em todas as vidas e de uma forma fantástica. Estão nos movimentos e movimentam tudo.

Dandara: Neste momento, te escutando e pensando nas possíveis transfluências e confluências, me lembrei que o senhor tem ultimamente mencionado o termo ‘afro-confluente’. O senhor poderia falar mais sobre o que vem a ser pessoas afro-confluentes? Este termo está relacionado com ‘afro-pindorâmico’, abordado em seu último livro?

Nego Bispo: São pessoas afro-confluentes pessoas que vêm das cosmologias politeístas, ou seja, que vêm das mesmas cosmologias. Essas são pessoas afro-confluentes. Então povos originários daqui, chamados povos indígenas, quando se juntam a nós, e quando se reeditam, inclusive de forma biológica, um filho de uma pessoa africana e uma pessoa originária é uma pessoa afro-confluente. Não é afro-brasileira, é afro-confluente, porque eles têm uma matriz cosmológica muito próxima, muito parecida.

Afro-brasileiro seria a mistura de africanos com os europeus, porque o Brasil é dos europeus. Mas daí isso não dá uma confluência. Então afro-brasileiro na verdade é uma coisa que não existe, porque Brasil não é uma cosmologia, Brasil é um estado abstrato, é uma ficção. Que trajetória se percorreu para se chegar nesta palavra “Brasil”? Qual a densidade que tem esse Brasil? Então não há pessoas afro-brasileiras, existem pessoas afro-confluentes.

Afro-confluentes é para dizer também que nós africanos continuamos misturados, mesmo em espaço físico e geográfico diferente. Eu tive já a felicidade de encontrar algumas pessoas africanas fisicamente, mas também através desse sintético [vídeo conferência]. Como a gente conversa parecido, como a gente se comporta parecido, como a gente se sente! Eles nos separaram fisicamente, ou seja, eles não nos deixaram continuarmos juntos, mas não conseguiram nos separar. Mesmo sem continuar junto, nós continuamos misturados pela cosmologia. Então o saber orgânico é esse saber que mistura quem não está junto e que ajunta sem misturar.

Nós nos juntamos com os eurocristãos, mas não nos misturamos, por isso que não somos afro-brasileiros, porque nós não nos misturamos com os eurocristãos. Nós não confluímos com eles, eles não são de confluir, eles são de influir. Eles não se permitem confluir, porque eles são “mono”. Eles são universais e nós somos diversos.

E aí você falou afro-pindorama, deixa eu te contar uma história. Nós chegamos no ‘afro-panorâmico’ [no livro] para fazer a explicitação de como os colonialistas nominam. Ou seja, quando eles chegaram em Porto Seguro, o povo de lá chamava o lugar de pindorama, chamava aquele lugar de terra das palmeiras. Daí eu faço uma referência aquele encontro. Aquele encontro é povo pindorâmico. Só que depois você vai ter os outros povos, são vários

povos. Não dá para você dizer hoje que o africano brasileiro é um afro-pindorâmico, mas dá para dizer também. Não dá para dizer só isso, mas dá para dizer. Mas hoje nos resta um outro estágio de dizer assim: afro-confluentes! Porque afro-confluentes, daí sim! Nós podemos ser afro-confluentes com os tupi-guarani, com os guajajara, com todos. Então, afro-confluente fica melhor porque também não é só afro.

Dandara: Está bem, Mestre. Obrigada. E além de afro-confluente e afro-pindorâmico, acabo de lembrar também de outra denominação: comunidade tradicional [risos]. O que o senhor pensa sobre isso?

Nego Bispo: Assim, se você não deu conta nem de citar o meu nome, como é que você vai cuidar de mim? Se você nem cita meu nome você não vai cuidar de mim. Tem que citar meu nome, tem que dizer povos quilombolas, povos indígenas, povos ciganos, nem que passe a noite só dizendo, mas pelo menos diga. Mas se você nega meu nome e me coloca em um pacote... comunidades tradicionais... Os eurocristãos monoteístas também são tradicionais! Eu encontrei lá em Roraima um CTG [Centro de Tradição Gaúcha], então os gaúchos também são tradicionais. Eu não sou povo tradicional, eu sou povo quilombola. Também “extrativista”... Extrativista não é povo, extrativista é uma categoria laboral relacionada ao trabalho. Não tem uma trajetória de extrativista. Não existe isso. O extrativista de hoje pode ser o pedreiro de amanhã. Pode ser o marceneiro, já depois o marisqueiro, porque esses termos são termos laborais, trabalhistas, eurocristãos. Quilombola não, quilombola nasce quilombola, vive quilombola e é sempre quilombola. E quilombola é povo, tem trajetória histórica, tem ancestralidade. Seringueiro não tem ancestralidade. Um filho de seringueiro pode ser outra coisa. Agora quilombola tem ancestralidade. Indígena tem ancestralidade. A confluência é isso, é o fortalecimento, é a complementação, é o compartilhamento. É isso que está na nossa trajetória. Tô colocando isso, fazendo essa misturada, porque é isso mesmo, a gente fala circulando. A gente fala indo e vindo, rodando, circulando.

Dandara: Escutando o senhor, compreendo que a confluência envolve ações, pensamentos, conhecimentos e vivências que, de uma certa forma, se cruzam, se encontram. A proposta deste dossiê é apresentar diferentes “Experiências na encruzilhada”. Atualmente, na academia, as “encruzilhadas” vêm se tornando conceito, ao passo que o povo de terreiro sabe, há séculos, que as encruzilhadas são lugares muito particulares que oportunizam feitos, feitiços, encantarias e possibilidades. O que o senhor acha sobre isso?

Nego Bispo: Sim, na verdade as encruzilhadas são espaços germinantes. Não são um conceito, e esse que é o grande debate. A academia vive insistindo para que nossas palavras sejam palavras tratadas como conceito, mas nossas palavras não são conceitos. As nossas palavras são germinantes, são sementes. Nós da oralidade somos lavradores e lavradoras de palavras, mas na escrita também se lava palavra. O papel vem da madeira, então o papel tem vida. A tinta também, às vezes, vem da madeira, mas venha de onde vier, a tinta tem vida. Então colocando a tinta no papel eu estou plantando palavras. As letras são sementes e, quando eu escrevo, eu estou semeando letras sementes que vão germinar em forma de palavras nas bocas de várias pessoas. Essas palavras vão ser armazenadas nas mentes e vão alimentar. Elas são alimentos, são frutos que vão alimentar os sentidos, todos os sentidos. E assim as palavras vão nos movendo pela oralidade, pela escrita ou pelas imagens.

Agora, quando você escreve uma letra sintética, sem energia, sem força, desconectada, aí ela não germina. São as sementes que não germinam. Então tem gente que escreve palavras germinantes porque escreve letras vivas, letras que são sementes. E tem gente que escreve letras que não são sementes, que são apenas grãos. Então tem escrita que germina e se transforma em palavras, e tem escritas que ficam lá, armazenadas nas prateleiras, não servem nem para quem escreveu. Então essa é a diferença entre palavras germinantes e conceitos.

As academias estão cheias de conceito que não serve para nada. Do que adianta eu saber o significado de alguma coisa, se não sei a funcionalidade dessa coisa. Se eu não sei a operacionalidade dessa coisa. Então a escrita, a oralidade, as imagens e o próprio silêncio são linguagens. As linguagens, elas são operacionalizadas e é essa operacionalização que faz a linguagem ser sintética ou ser orgânica. Então, o que é que eu digo? Quando você escreve uma palavra germinante, você pode estar fazendo uma escrita orgânica. Quando você escreve uma palavra teórica, você está escrevendo uma escrita sintética. Qual é a diferença entre uma palavra germinante e uma palavra teórica? É que a palavra germinante tem trajetória. Ela é uma palavra cosmológica. Ela é uma palavra viva. E a palavra teórica ela é uma palavra morta, é uma palavra sem trajetória, então ela é uma palavra estacionária.

Por exemplo, quando nós falamos “confluência”, nós falamos com uma palavra germinante. Por quê? Porque todas as pessoas sabem o que é uma confluência. Uma confluência é um encontro entre seres, entre vidas que se movimentam dentro do mesmo cosmo. Que se movimentam com energias parecidas, e que quando se encontram ou até mesmo sem se encontrarem, se misturam. E as palavras não germinantes às vezes elas se encontram, mas não se misturam. É por isso que a gente diz no nosso livro que nem tudo o que se ajunta se mistura,

e nem tudo o que se mistura se ajunta. Povos afro-confluentes, essa palavra “afro-confluente” é uma palavra germinante, porque é logo uma palavra que as pessoas vão sair reeditando. E quando as pessoas reeditam as palavras, que é diferente de repetir, é porque elas são germinantes.

Dandara: Em suas falas sobre palavras germinantes, confluência, transfluência, saberes orgânicos e sintéticos, o senhor sempre se posiciona como “contracolonização”, assim como percebe as ações, os comportamentos e os modos de vida presentes nos quilombos, nos terreiros, nas comunidades indígenas, nas vilas e favelas. Nas universidades, por outro lado, acadêmicos têm investido muito na decolonialidade, ao passo que muitas pessoas vêm fazendo diferentes leituras dos seus livros. Para o senhor, quais seriam as diferenças entre ser contracolonização e decolonial?

Nego Bispo: Pronto! O que é a contracolonização? É ser contra o colonialismo. Se você falar “contracolonização” em qualquer espaço, todo mundo vai saber. Se eu disser que sou contracolonização, todo mundo vai saber que eu sou contra o colonialismo. É simples. Agora se eu disser: “eu sou decolonialista”, nem os próprios decoloniais sabem explicar, porque a decolonialidade não tem trajetória. É um discurso teórico sem trajetória. Tenho encontrado algumas pessoas decoloniais, e eu pergunto: diz uma questão que a decolonialidade resolveu? Diz qual é a resolutividade que tem a decolonialidade? Resolveu o quê? Onde é que tem um lugar que um povo decolonial enfrentou o sistema e resolveu alguma coisa? Infelizmente essas pessoas não têm conseguido me dizer. Eu penso que a decolonialidade é a depreciação do colonialismo, ou seja, a depressão. É “de”, é deprimir o colonialismo. Se é assim, bom, eu até compreendo e acho que tem sentido.

Agora, onde é que os decoloniais devem atuar? Esse é o debate. Se um europeu é um decolonialista ou descolonialista, seja lá como ele prefira, que quer deprimir o colonialismo, ou se ele quer depreciar o colonialismo, ele tem que atuar lá na Europa. E como é que ele tem que atuar? Ele tem que atuar orientando a geração neta dele para não atacar a minha geração neta. É isso que é deprimir o colonialismo, depreciar. Se ele orientar a geração neta dele para não atacar a minha geração neta, e eu orientar a minha geração neta para se defender da geração neta dele, porque pode ser que ele não oriente bem, daí nós vamos resolver o problema. Nós vamos estacionar o colonialismo, ou seja, vai mudar muita coisa. Só que eles querem atuar no Brasil, querem vir ensinar a minha geração neta como enfrentar a geração neta deles, daí dá licença. Isso é colonialismo ao extremo. É ser um ultracolonialista, um desrespeitador das inteligências e ser como todos os colonialistas são.

Agora, tem uma “galera” que fala em pós-colonialismo, pós como? O colonialismo é perene. Enquanto houver a sociedade eurocristã monoteísta, haverá colonialismo, porque a sociedade eurocristã monoteísta não consegue viver sem colonizar. Porque eles têm uma memória de terra maldita. A terra deles foi amaldiçoada lá em Gênesis, tá lá, não fui eu que escrevi a Bíblia. Se eles têm uma memória de terra maldita, lugar nenhum no mundo é bom para eles, eles têm que sair catando o lugar dos outros. Por que eles vêm para os quilombos? Porque eles sabem que os quilombos não são terra maldita. Mas aí como eles são da terra maldita, eles querem trazer a maldição deles para a nossa terra, porque eles andam com a maldição. Não foi eu que disse isso, foi a Bíblia. Então a coisa é muito mais profunda.

O contracolonialismo não é um ataque, ao contrário, é uma defesa. Ser contracolonialista é não se permitir ser colonizado. É não aceitar. Eu não quero matar os colonialistas, eu quero que os colonialistas não me atinjam. Então a grande diferença é que se você me perguntar uma trajetória contracolonialista é simples, vou dizer: Palmares, Canudos, Caldeirões, Pau de Colher, Balaiada, favelas, terreiros, capoeira. Não faltam referências contracolonialistas. Eu acho que é válido, eu acho que é interessante, eu acho que este povo decolonial que está na academia, e mesmo o povo preto que se autointitula como decolonialista, eles podem deprimir os acadêmicos colonialistas, isso é importante, tudo o que existe é porque tem razão para existir. Agora, para nós quilombolas, povo de terreiro, capoeirista, favelado, nós somos o “contra”. Nós não podemos aceitar ser colonizados.

Muita gente insiste em querer dizer que eu sou um decolonial, ora, nada a ver. Eu sou contracolonial. Mas eu *tô* dizendo isso para poder confrontar os academicistas, porque eu nem precisava dizer que sou contracolonial, eu só precisava dizer que sou quilombola. Sou quilombola, ponto. Eu dizendo que sou quilombola já basta, mas como esse povo da academia só entende se a gente soletrar, então eu *tô* soletrando para eles.

Dandara: Nesta esteira sobre as academias, a gente sabe que as universidades, como instituições educadoras, são lugares historicamente colonizadores e, desse modo, são compostas por muitas pessoas com pensamentos e ações colonialistas. O senhor poderia nos falar um pouco sobre o modo como percebe a relação entre ser educador, adestrador e colonizador? Como o senhor vê “o educar na universidade” e “o ensinar e aprender” nas comunidades a partir da sua trajetória no quilombo?

Nego Bispo: Então, adestrar, educar e colonizar é tudo a mesma coisa. Para que você educa? Educa para trabalhar. Para que você adestra? Adestra para trabalhar. E para que você

coloniza? Coloniza para trabalhar. Então nos quilombos não se educa, se inspira. Nosso modo é de inspiração, mesma coisa reedição. Por exemplo, como é que Mãe Joana, uma das minhas grandes mestras, me ensinou a lidar com a terra? Eu tive uma linda geração avó, de Mãe Joana, Tio Norberto, Tia Ana, Tia Ângela, Tia Antônia, Tio Gonçalo, Tio Toinho, Mãe Francisca. São vários, uma infinidade. Não sou muito de citar, mas *tô* citando assim para você ver que isso tudo é uma geração avó. Essas pessoas todas falam através do que se chama de parábola, que são palavras germinantes. Por exemplo, Mãe Joana dizia: “Meu filho, plante tudo o que você precisa e tudo o que você *qué*, e a terra lhe dá o que você merece”. Aqui ela já me diz como eu tenho que me relacionar com a terra. Então que eu me comunicasse com a terra...fazer aquilo que a terra está pedindo. Ela diz assim: “a terra dá e a terra *qué*”. Então nessas conversas com a Mãe Joana, eu acabei fazendo uma declamação para a minha roça. Uma declamação para a terra. Aquela:

De repente um cheiro

Um cheiro vadio

Um cheiro de cio

Cheiro de tesão

De repente um cheiro

Um cheiro úmido

De corpos fecundos

Choveu no Sertão

Então essa declamação é uma declamação erótica, uma transa. É uma relação de fecundação. Então quando eu planto uma semente, quando eu solto uma semente no ventre da terra, eu estou aqui no ápice de uma transa, de uma relação sexual, de uma relação erótica. Então, como foi que eu me inspirei para fazer essa declamação? Através dos ensinamentos, das inspirações da Mãe Joana. “A terra dá, a terra *qué*. “Plante o que você precisa, a terra vai lhe dá aquilo que você merece”. Então isso é inspiração. Daqui você vai levar essa inspiração para a vida inteira e para todos os momentos. Então é diferente de educação. A educação, as universidades fazem para educar, extrair toda a sabedoria que tem dentro de você e todo o seu saber orgânico. Colocar em você um saber sintético que é para poder te dominar.

Então o que a gente precisa é isso: nos visitar, passear entre nós, nos inspirar. Por que que a “galera” preta precisa colocar os filhos na creche? Creche é coisa de eurocristãos.

Eurocristãos não tem geração neta, não tem geração avó. Por que que eles não têm geração avó? Porque o deus deles não tem neto. Quem é neto de Deus? Deus só tem um filho e Jesus não tem filho nenhum. Então a referência cosmológica eurocristã não tem geração neta, o deus deles não foi avô. É por isso que eles botam a geração avó no asilo, e a geração neta na creche, porque não tem afetividade pela geração avó. Ou seja, eles também não têm afetividade pela geração neta, é diferente de nós.

Por que a gente quer ser igual? Por que que preto tem que colocar o filho na creche e não bota na casa do vizinho? A minha filha trabalha na cidade, nós estamos a 5km da cidade. Os nossos netos quando eram pequenos ficavam com a gente. Hoje já estão maiorzinhos, ficam em casa, mas a casa é perto. O quintal da minha filha emenda com o quintal da minha mãe, e entre a casa da minha filha e a minha casa só tem um vizinho, que é família também. Então todo mundo se cuida aqui, não precisa de creche. A creche é a casa da vó e o asilo é a casa do neto. Então a geração avó e a geração neta é para se cuidarem. A geração avó inspirando a geração neta. E a geração neta carinhando a geração avó. É assim que se é para viver.

Dandara: Pensando nessas diferenças entre inspirar e educar, e nas diferenças de o que a gente aprende e vive dentro das comunidades e o que é ensinado nas universidades, a confluência é possível entre as universidades e os afro-confluentes? É possível esse encontro?

Nego Bispo: As universidades elas não buscam confluência. Elas buscam influência. E quando a gente chega na universidade tentando confluir, elas se esquivam. Elas tentam nos influir. A universidade não é um espaço de confluência, ela é um espaço de transfluência, então a universidade é uma fronteira entre o saber orgânico e o saber sintético. Nós não podemos atravessar a fronteira, temos que permanecer na fronteira, ou seja, junto, sem se misturar. Então é um lugar da gente se ajuntar, mas não um lugar para a gente se misturar. Então não dá para confluir, mas dá para dialogar, conversar, dá para transfluir. Até dá também para compartilhar saberes, mas não dá para confluir. Então digamos que pode ser um espaço de compartilhamento se a gente estiver preparado para isso.

Dandara: Tenho mais uma pergunta, mas antes de fazê-la já gostaria de agradecer ao senhor pela disponibilidade e por todas as inspirações hoje e sempre. Esta conversa me emocionou e me alegrou muito [risos]. Bem, te pergunto: o que o senhor, já da geração avó, como um relator de saberes, germinador de palavras e que busca sempre a resolutividade, poderia falar para nós negros e indígenas que entramos nas universidades? O que nós não devemos esquecer ao entrar nesses lugares, ou o que deveríamos aprender ao estarmos nas

universidades pensando nas nossas comunidades? O que a gente não pode esquecer e perder de vista?

Nego Bispo: Então, o que a gente não pode esquecer é que ali é uma fronteira. As fronteiras se movem, avançam, recuam, mas elas nunca devem ser ultrapassadas. Porque se a gente ultrapassar deixa de ser fronteira e passa a ser limite. E limite é uma coisa colonialista. Limite é uma coisa da linearidade, da verticalidade, e fronteira é uma coisa da circularidade. A roda não tem fim, a roda tem começo, meio e começo de novo. A roda não tem fim! É por isso que a gente faz essas discussões, porque a nossa vida não tem fim. São geração vó, geração mãe, geração neta, geração neta, geração mãe, geração vó. Então essa é a circularidade que nos fortalece.

É preciso que a gente saia da comunidade, passe pela universidade e volte para a comunidade. Ou seja, a “galera” nossa, que está nas universidades, não pode esquecer de voltar para as comunidades, porque se elas não voltarem, elas foram influenciadas. E ser influenciado é a mesma coisa do que ser colonizado. Ou seja, você abriu mão do seu saber, para aceitar o saber do outro. É você atravessar a fronteira.

Então o que a gente não pode esquecer é que um rio não deixa de ser um rio por encontrar com outro rio, é o contrário, ele passa a ser um rio muito mais potente, mas ele continua sendo o mesmo rio da confluência até a nascente. Então todos os rios, da nascente até a confluência, eles são um rio, e da confluência até a foz lá no mar, eles são um rio mais forte. Ele só deixa de ser aquele rio se ele perder a nascente. Se essa nascente secar, daí ele deixa de ser o rio, mas ele não deixa de ser rio porque ele encontrou com outro rio. Então isso é muito importante para nós que por vez ou outra somos atacados pela verticalidade. É isso?

Dandara: Sim! Muito obrigada! Brindo este e os nossos demais encontros por vir! Até separei uma cachacinha! [risos]

Nego Bispo: Vou amanhã em uma pescaria e vou brindar. Vou jogar uma dosezinha nas águas que as águas se encarregam de levar para você de alguma forma.

Dandara: Axé! Com certeza, com certeza! [risos]

Nego Bispo: Minha querida, tudo de bom. Cada vez mais que você quiser conversar me liga, manda um áudio, vamos confluenciando! Abração e vamos continuar conversando! Valeu!

Referências

PORTAL V1. *2ª Feira Literária foi realizada em Francinópolis*. Valença do Piauí, 8 dez. 2019. Disponível em: <https://portalv1.com.br/2a-feira-literaria-foi-realizada-em-francinopolis-confira-as-fotos/>. Acesso em: 24 maio 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Quilombos: Modos e Significados*. Teresina: Editora COMEPI, 2007.

Bibliografia recomendada

SANTOS, Antônio Bispo dos. Cupim que vai *pra* festa de tamanduá. *Revista Praia Vermelha* [online], Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 246-252, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Modos quilombolas. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n. 9, p. 58-65, 2016. Disponível em: <https://piseagrama.org/modos-quilombolas/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Quilombos: Modos e Significados*. Teresina: Editora COMEPI, 2007.